

EDITORIAL

Chegamos ao último número deste primeiro ano de existência do Ilhavirtualpontocom. Foram oito números regulares e uma edição especial sobre nossas letras.

Neste número fazemos uma singela homenagem a Luís Augusto Cassas, que há trinta anos publicava seu importantíssimo República dos Becos. Temos também uma entrevista com o professor e escritor Joaquim Gomes e um estudo sobre o regionalismo nos contos e Ivan Sarney. Além disso o leitor poderá se deleitar com os primeiros parágrafos do romance O Mulato, de Aluísio Azevedo e com dois sonetos de Odylo Costa, filho, um de nossos melhores poetas.

Próximo ano estaremos de volta com mais textos sobre nossa literatura. Mas, enquanto isso, desejamos a todos um

feliz



Homenagem pelos



30 anos de

publicação

ENTREVISTA: JOAQUIM GOMES

Por José Neres



Graduado em Letras, mestre em Teoria Literária, professor, escritor, autor de diversos artigos em livros, jornais e revistas e membro da Academia Vianaense de Letras, Joaquim de Oliveira Gomes é um homem que vive cercado de livros e que faz das palavras muito mais que objeto de estudo e de trabalho,

faz delas fonte e prazer e de diversão. Esse professor que se divide entre a sala de aula e a construção de texto é o primeiro entrevistado deste informativo virtual. Nesta entrevista, ele fala sobre sua infância, seu gosto pelos livros e sobre seus planos literários.

ILHAVIRTUAL — Como foi sua infância, no que se refere ao contato com os livros e/ou com as narrativas orais?

JOAQUIM GOMES — Muito interessante. Vivi em um ambiente em que tínhamos contatos com os livros. Meus pais sempre nos apresentavam os livros. E quanto às narrativas orais, tínhamos rodadas de contação de histórias todas as noites. Portanto, experimentei a alegria desse mundo mágico desde muito cedo. Além de meus pais, a minha avó materna, Mãe Bibi, era uma contadora de histórias, fantástica, daquelas que nos transportava para o mundo da ficção mal iniciava a narrativa. Bastava dizer: “era uma vez...” e já caímos direto na mágica invencionice de ouvir histórias.

ILHAVIRTUAL — Quais fatores influenciaram sua decisão de seguir o caminho das letras?

JOAQUIM GOMES — Talvez gostar de ler e escrever. Muito pequeno já escrevia. Achava encanta-

dor inventar histórias e contá-las em casa. Mas tenho certeza que a minha irmã mais velha, Ana Maria Serejo, foi decisiva. Ela também lia muito e já nasceu professora.

ILHAVIRTUAL — Na sua visão, para que serve a literatura?

JOAQUIM GOMES — Para a vida. Meu pai falava que tudo que se pensasse estava na Bíblia. Eu, por sua vez, tomo a literatura como um monumento especular da vida, afinal os poetas lidam é com a matéria da vida. Já deixei registrado em uma página social que “é na literatura que encontro as lamparinas da vida”.

ILHAVIRTUAL — Fale um pouco sobre seu método de escrita. Segue algum ritual, tem alguma preparação especial para começar a produzir?

JOAQUIM GOMES — Nenhum ritual. Apenas preciso me apaixonar pela ideia. Ela fica ali me rodeando, se amoitando e quando já está maior que eu, tenho que botá-la para fora. Sem sofrimento, nem angústia, mas com muita expectativa. Um mundo novo que se abre para ser aberto quantas vezes for necessário.

ILHAVIRTUAL — Quais foram as dificuldades encontradas para publicação e divulgação de seu livro O Jabuti que falava inglês?

JOAQUIM GOMES — Quem o editasse, ou melhor, quem bancasse os custos. Como não se tem editoras locais, nem programas especiais para esse tipo de manifestação cultural, foi preciso que arcasse com todas as despesas. Acho que poderia resumir dessa maneira.

ILHAVIRTUAL — O que você prefere: escrever textos científicos ou textos de cunho literário? Por quê?

JOAQUIM GOMES — Os dois possuem seus “apelos” distintos, cada um com a sua intencionalidade. Ambos necessitam de paixão, de escuta, de trabalho, mas os literários são mais fortes em mim. Talvez porque brotem de um olhar mais interior, com suas possibilidades de invencionice, sem a preocupação da verdade e com uma carga emotiva maior.

ILHAVIRTUAL — É bastante conhecida sua paixão pelas obras de João Lisboa e Érico Veríssimo. Em que isso influencia ou influenciou na sua produção acadêmica e na literária?

JOAQUIM GOMES — Em quase tudo. O João Francisco Lisboa, com o olhar crítico, focado na formação das estruturas político-sociais, o que permite uma leitura mais apurada das atitudes dos governantes e de seus partidos. Já o Érico Veríssimo, com a sua destreza de recriar mundos fantásticos, personagens tão vivos e encantadores, situações diversas do cotidiano, além de sua contagiante linguagem. Quem não se apaixona por Ana Terra, Capitão Rodrigo, de O Tempo e Vento, e os Campolargos, de Incidente em Antares?

ILHAVIRTUAL — Como se sente um escritor em uma sociedade que não dá o devido valor aos livros e à palavra escrita em geral?

JOAQUIM GOMES — É triste, constatar isso, mas não podemos fugir a essa

realidade. O mundo atual, apesar de exigir que se seja leitor todos os instantes, não destina um lugar merecido aos seus escritores. As políticas públicas deveriam contemplar melhor esses profissionais. Sair da condição de dependentes, de andar com o pires na mão à procura de quem o reconheça, é extremamente desconfortável. Já é hora do Brasil destinar uma “Bolsa Livro”, tornando obrigatório a ida de crianças e jovens as casas de venda de livros. E as escolas, deveriam cuidar dessa leitura, com os aparatos que já dispõem para o controle da atividade. Em um espaço curto de tempo, teríamos uma

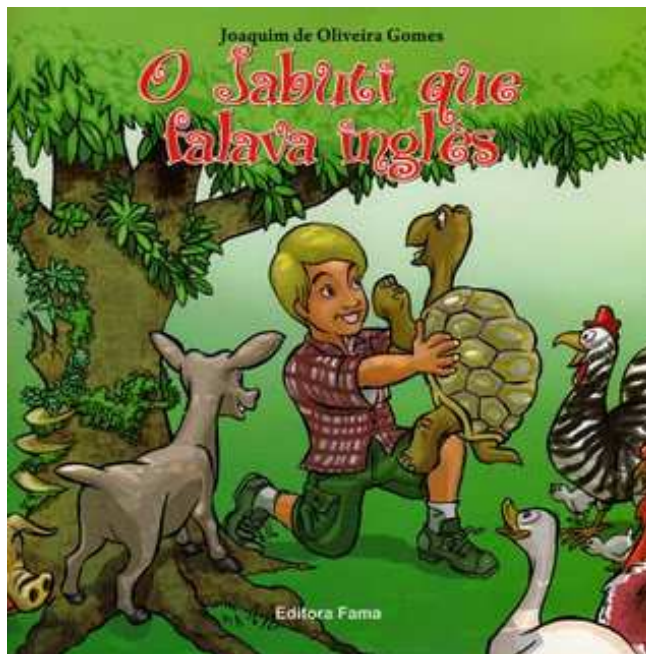
sociedade mais fortalecida no seu modo de viver a vida.

ILHAVIRTUAL — Depois de O Jabuti que falava Inglês, quais são os novos projetos literários?

JOAQUIM GOMES — Já estou passando da hora, mas os motivos financeiros são os causadores desse atraso. Tenho um livro de contos e uma história infantil prontos para serem publicados. Espero que em 2012, possa fazê-lo.

ILHAVIRTUAL — Dê um conselho a quem deseja ingressar no mundo das letras, seja como pesquisador, seja como escritor.

Esqueça o apelo financeiro que as outras profissões destacam. Cuide, primeiro do seu prazer. Se você for uma pessoa que gosta de poesia, em um sentido bem amplo, se gostar de pensar na grandeza da vida e dos homens, então construa seu caminho com a literatura, escreva e publique seus textos e leia bastante, ou melhor, leia tudo. O mundo das letras é um celeiro de descobertas e encantamento. A sociedade, assim como precisa da engenharia tecnológica para melhorar a vida, precisa também de ser retratada por meio do mundo fabular, para encher os olhos e os corações de quem apressadamente vem deixando a vida passar.



Peculiaridades em Chapéu de Couro e Palha

Por Safira Geovanna Sousa Rabêlo

Suponho que a maioria das pessoas que vivem em São Luís já leram e até mesmo ouviram a frase “*É Preciso Amar a Cidade*”, a qual tem como autor *Ivan Celso Furtado Sarney Costa*, conhecido no meio literário e político como *Ivan Sarney*, natural de São Luís do Maranhão, sendo graduado em Direito pela Universidade Federal do Maranhão e Administração de Empresas pela Escola de Administração Pública do Estado.

Com uma vasta experiência pessoal e profissional, *Ivan Sarney* tem um grande legado em São Luís, abrangendo várias áreas desde a política até a literatura, ao passo que enquanto político exerceu por três legislaturas consecutivas o mandato de vereador, foi presidente da Câmara Municipal de São Luís, é imortal esteticamente, sendo membro da Academia Maranhense de Letras, na qual ocupa a cadeira de nº 17 e entre outros cargos ocupados pode-se citar: Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, nos anos de 1987 a 1991 fez parte do Conselho Estadual de Cultura, foi Diretor Regional da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da Fundação Nacional Pró-Memória.

Em reconhecimento a todo o seu trabalho desenvolvido é detentor de diversas condecorações, entre elas: Medalha Gonçalves Dias-Mérito Cultural, da Academia Maranhense de Letras; Medalha do Mérito Timbira, Estado do Maranhão; Medalha de Ordem dos Timbiras, no Grau de Cavaleiro, Estado do Maranhão, entre tantas outras.

Ivan Sarney é também poeta, contista, teatrólogo, artista plástico e cineasta, sendo que há vários anos escreve crônicas no Jornal *O Estado do Maranhão* na seção *Hoje é Dia De...*, sendo pertencente a terceira geração modernista do Maranhão ao lado de *Luís Augusto Cassas*, *Rossini Corrêa*, *Raimundo Fontenele*, *Francisco Tribuzi*, entre outros, sendo que se destaca como contista e cineasta.

Entre as suas várias obras publicadas, pode-se citar: *Meia-Morada*, *Coração* (poesia); *O Sótão* (teatro); *Chapéu de Couro* (contos); *Chapéu de Couro e Palha* (contos); *Na Boca-da-Noite*

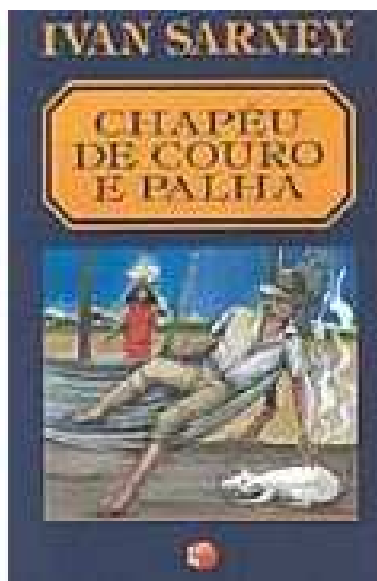
(contos); *São Luís, Uma Ilha Bela por Natureza* (documentário) e *São Luís, Uma Cidade no Tempo* (crônicas).

De acordo com o tema “Linguagem-a essência da obra literária”, ao se realizar a leitura apurada do livro “*Chapéu de Couro e Palha*” pode-se perceber que *Ivan Sarney* utiliza em todos os contos narrados uma linguagem simples, sem sofisticções, demonstrando bastante espontaneidade, além de ser bastante detalhista e demonstrar todo um sensualismo o qual é utilizado com o intuito de caracterizar o aspecto bucólico das vilas e cidadezinhas localizadas isoladamente pelo interior do Maranhão, dando ênfase ao regionalismo.

O autor apresenta “*Chapéu de Couro e Palha*” utilizando um estilo bem peculiar, através de grandes recursos, entre eles frases curtas, períodos econômicos, toda uma precisão em suas palavras utilizadas e ainda recorre à diversos aspectos nostálgicos. Entre as diversas figuras de linguagem utilizadas por Ivan em seus discursos literários encontra-se a metáfora, metonímia, sinestesia, sinédoque,

aliteração, paradoxo, ambigüidade e a mimese.

É perceptível na maioria dos contos narrados que o autor utiliza de diversas expressões peculiares e uma linguagem não padrão utilizada pela população rural, como observado em alguns trechos “__ Sorteio o curió pra butá a juriti. Tá de asa quebrada” (IVAN SARNEY, pág. 26).



“__Não vai cubri dotô” (IVAN SARNEY, pág.31)

“(…) __ Vou tirar como o sinhô gosta, doto. Tou com a mão boa hoje”. (IVAN SARNEY, pág.55)

__“Tamo pronto dotô”(IVAN SARNEY, pág..67)

__ Já vortô Coroné?(IVAN SARNEY, pág.105)

Outro aspecto bastante perceptível na obra em análise se refere a abordagem de aspectos da religiosidade quando no conto intitulado de “*Um dia no Divino*” o autor apresenta vários elementos relativos à festa do Divino Espírito Santo, citando a procissão, as rezadeiras, o mastro, o imperador, a imperatriz, iguarias, ladainha, caxeiras, os impérios e mordomos.

“Lá vem a procissão, minha gente. (...) é hora das rezadeiras desembrulharem os terços e desfiarem as ladainhas, ao som das caixas e por toda a rua do lugarejo.” (IVAN SARNEY ,pág. 73)

“O mastro está ali, impassível, enfeitado com frutas e fitas, todo vestido de murta, alto e inatingível em seus quase vinte metros” (IVAN SARNEY, pág.74)

“É a festa do Divino Espírito Santo.” (IVAN SARNEY, pág.73)

“É domingo de Pentecostes, dia da chegada do Imperador e da Imperatriz” (IVAN SARNEY, pág.74)

“Já as caixeiras silenciaram o batuque. É hora do lanche. Impérios, mordomos se acercam das mesas e todos os presentes são servidos de chocolate, bolos de tapioca e outras iguarias ligeiras” (IVAN SARNEY, pág. 76)

Em *Chapéu de Couro e Palha*,



Ivan Sarney evidencia aos seus leitores alguns aspectos de supertições e credices, como os relatados no conto “*Quando a dor se anuncia pelo pio da rasga mortalha*” sendo a rasga mortalha um animal que ao piar indica morte e ainda o conto “*O corpo cruzado de Petismol*”, quando o autor utiliza deste conto para fazer a referência, de acordo com o que diz a credice popular de quem tem o corpo cruzado e protegido nada atinge, nem mesmo mais de seis disparos no personagem Petismol tirou a sua vida.

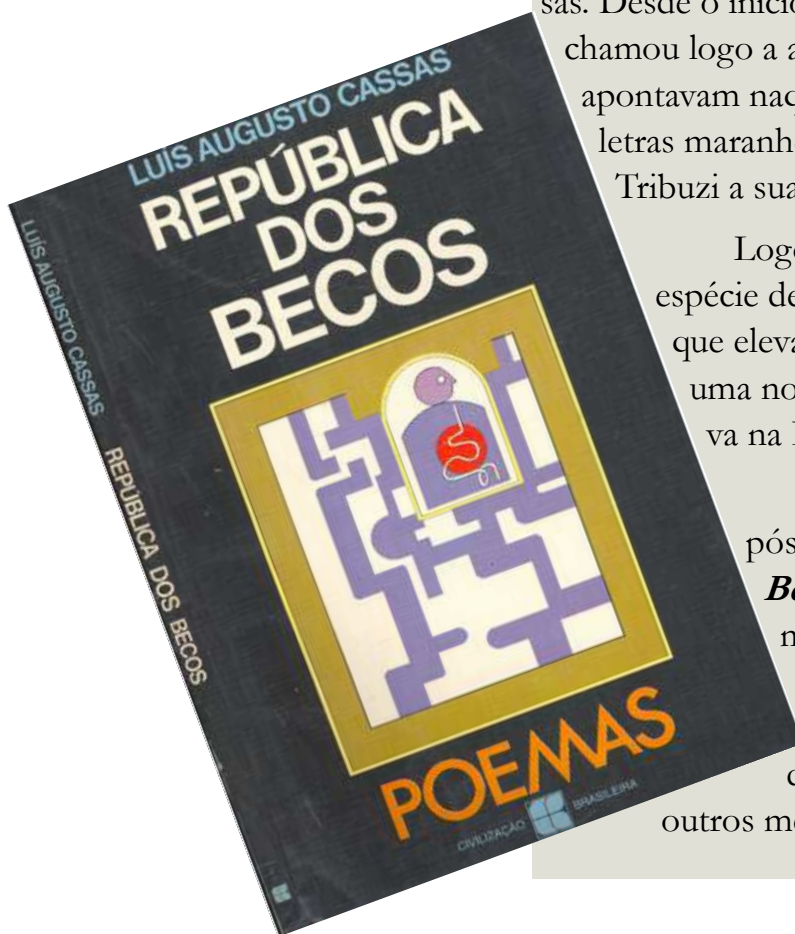
Enfim, Ivan Sarney, criador da significante frase “*É Preciso Amar a Cidade*”, é um escritor que se aproxima das pessoas mais humildes e que estão à margem da sociedade e que sempre está lutando em prol de diversas maneiras de preservar os usos e costumes de São Luís do Maranhão, sendo de grande relevância ressaltar que o poeta se destaca também pelo seu lirismo, não se prendendo às formas, criando os seus poemas com uma linguagem totalmente pessoal.

Safira Geovanna Sousa Rabêlo

Bacharel em Comunicação Social-
Publicidade e Propaganda .Especialista
em Comunicação e Marketing.Graduanda
do 5º período do Curso de Letras-
Português da Faculdade Atenas Maranhense-FAMA.

E-mail: safira.publicitaria@gmail.com

LIVRO EM DESTAQUE REPÚBLICA DOS BECOS



No mês de dezembro de 1981, os amantes da literatura receberam um presente e forma de poesia: era publicado o livro de estreia de Luís Augusto Cassas. Desde o início o livro não passou despercebido e chamou logo a atenção de diversos intelectuais que apontavam naquela obra algo não se repetia nas letras maranhenses desde a chegada de Bandeira Tribuzi a sua terra.

Logo o livro se transformou em uma espécie de referência para os poetas novatos, que elevaram Cassas à categoria de ícone de uma nova tendência literária que despontava na Ilha.

No final de 2011, três décadas após seu lançamento, *República do Becos* continua influenciando os amantes da poesia e é cultuado por diversas gerações de leitores, poetas e pesquisadores, merecendo variadas homenagens em sites, jornais e outros meios de comunicação.

PARÁBOLA

Luís Augusto Cassas

Domingo de Ramos
eles vestem a fatiola engomada nas dobras
e voltam contritos e triunfais com um ramo nas mãos.
Um ramo colhido na melhor palmeira da paróquia
e bento na igreja santificada do bairro.
Seguem puros para casa? Não.
Planejam uma nova invasão no Coradinho.

APERITIVO LITERÁRIO: O MULATO



Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes, as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho.

A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a “gentil Carolina era bela”; do outro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: “Fígado, rins e coração!” Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele crestada os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suado, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos irascíveis, mordiam o ar querendo morder os mosquitos. Ao longe, para as bandas de São Pantaleão, ouvia-se apregoar: “Arroz de Veneza! Mangas! Mocajubas!” Às esquinas, nas quitandas vazias, fermentava um cheiro acre de sabão da terra e aguardente. O quitandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava a sua preguiça morrinhenta, acariciando o seu imenso e espalmado pé descalço. Da Praia de Santo Antônio enchiam toda a cidade os sons invariáveis e monótonos de uma buzina, anunciando que os pescadores chegavam do mar; para lá convergiam, apressadas e cheias de interesse, as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas.



CANTO DA POESIA

O AMOR CALADO

Ainda que o canto desça, de atropelo
como abelhas no enxame alucinante
em torno a um tronco, e me penetre pelo
ouvido, em sua música incessante,

**juro a mim mesmo: nunca hei de escrevê-lo.
Hei de fechá-lo em mim como diamante
dentro da pedra feia. Hei de escondê-lo
na minha alma cansada e navegante.**

E nunca mais proclamarei que te amo.
Antes o negarei como os namoros
secretos de menino encabulado.

Que se cale este verso em que te
chamo.

Cessem para jamais risos e choros.
Meu amor mineral é tão calado!

(Boca da noite, 1979.)

SONETO DA TARDE

Não digo que o sol pare, nem suplico
que teu cabelo não se faça branco.
Nos segredos serenos que fabrico
vive um pouco de mago e saltimbanco.

mas te desejo simples, natural,
e que o dia na tarde amadureça.
Venceste muita noite e temporal.
Confia em que outra vez ainda amanheça.

O teu reino da infância sempre aberto
guarda o campo e os brinquedos infinitos
nas cores puras, sob o céu coberto.

Nos cajueiros, os pássaros... Os gritos
infantis... Mas a ronda neles nasce
e embranquece o cabelo em tua face.

(Boca da noite, 1979.)



Odylo Costa, filho

O Jornal Ilhvirtualpontocom é uma realização do grupo de estudos intitulado O Sistema Literário Maranhense, coordenado pelo professor José Neres e composto pelos seguintes pesquisadores: Com apoio da Faculdade Atenas Maranhense—FAMA